

POLÍTICA

Coronabonds. Merkel admite (pela primeira vez) estudar emissão de dívida europeia para responder à covid-19

17.03.2020 às 22h16

Chanceler alemã admitiu, na reunião extraordinária do Conselho Europeu desta terça-feira, estudar soluções de partilha dos custos da crise a nível europeu. Ideia de emissão de dívida europeia foi discutida durante toda a crise da zona euro, mas Alemanha nunca admitiu a hipótese. Itália, França e Portugal dão argumentos novos. Mas há um caminho pelo meio que pode ser mais provável



DAVID DINIS

LILIANA VALENTE

SUSANA FREXES, CORRESPONDENTE EM BRUXELAS



FILIP SINGER/EPA

A chanceler alemã, Angela Merkel, surpreendeu esta terça-feira ao admitir que irá estudar a mutualização da dívida dos países da zona euro para fazer face às despesas com o novo coronavírus, apesar de tal ser difícil de passar no parlamento alemão. Merkel não apoiou a medida, também não a pôs de lado como antes, desta vez admitiu estudá-la.

A questão, [avança a Bloomberg](#), foi levantada pelo primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte, na reunião do Conselho Europeu extraordinário por videoconferência. Em resposta a jornalistas no final da conferência, Angela Merkel terá dito, segundo esta agência, que tinha pedido ao seu ministro das Finanças para analisar a situação para que a Alemanha possa fazer parte dessa discussão. Mais debate, disse, ficará a cargo da "reunião dos ministros das finanças" - o Eurogrupo que, recorde-se, é presidido pelo português Mário Centeno, e que já discutiu também o assunto.

A Alemanha admitir esta possibilidade é um passo inteiramente novo para a União Europeia. Mas não será fácil, sobretudo de aprovar no Parlamento alemão: durante toda a crise da zona euro, de 2010 a 2014, a hipótese de emissão de dívida europeia foi largamente discutida, a pedido de países do sul mais afectados pela subida dos juros das suas dívidas nacionais. Esse instrumento baixaria muito os custos das emissões de dívida, assim como o peso de dívidas públicas que tornaram muito difícil a gestão dos respetivos orçamentos, em época de recessão económica na UE. Durante estes anos, a Alemanha sempre se opôs liminarmente a essa opção. Até hoje.

O Expresso confirmou que a chefe do governo alemão não excluiu a emissão de dívida conjunta, mas apenas para despesa sobre este assunto. A Bloomberg deu-lhe já um nome: *coronabonds*.

O primeiro-ministro português, apurou o Expresso, foi um dos chefes de governo a defender este instrumento na reunião de hoje do Conselho Europeu, em conjunto com o primeiro-ministro italiano. Também Emmanuel Macron se mostrou favorável à hipótese.

Entre os países do sul, que desde a crise financeira defendem a mutualização da dívida europeia, ouviram-se agora argumentos que não era possível usar durante a crise da zona euro: que desta vez não há 'moral hazard' e também não há choque assimétrico. (a crise não é responsabilidade de nenhum país em particular; e atinge todos os países da mesma forma).

Dito de outra forma: ao contrário da crise anterior não se trata de salvar apenas alguns países que perderam a capacidade de se financiar junto dos mercados, mas de neutralizar o impacto económico que pode atingir de forma simétrica todos os países.

LITUÂNIA CONFIRMA DISCUSSÃO

De acordo com a presidente da Lituânia, Gitanas Nausėdė, os líderes debateram a "emissão de *coronabonds*, que o Banco Central Europeu estaria (depois) preparado para comprar nos mercados secundários". Seria a forma de aumentar a liquidez, numa altura em que os

cálculos dos técnicos de Bruxelas apontam para uma recessão temporária generalizada na Zona Euro e no conjunto da União Europeia em 2020.

França apoia o pedido de Itália e quer que seja o Banco Europeu de Investimento a emitir a dívida, adianta ainda a Bloomberg, podendo o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE) assumir a garantia da emissão. Uma solução que exigiria criatividade.

Esta segunda-feira, os ministros das Finanças do Eurogrupo pediram ao MEE, o fundo de resgate da zona euro, que estude formas de apoiar a resposta à pandemia.

UMA ALTERNATIVA: LINHAS DE CRÉDITO

De acordo com fonte europeia, ouvida pelo Expresso, seria mais fácil avançar com linhas de crédito do que com garantias a *coronabonds*. O Mecanismo dispõe atualmente de uma capacidade de empréstimo não usada de 410 mil milhões de euros e vários dos seus instrumentos nunca foram usados.

Entretanto, Mário Centeno, enquanto presidente do Eurogrupo fez um texto no Twitter a dizer que foi dado "um primeiro passo" para tomar medidas "adicionais para superar esta crise". A declaração não refere no entanto a possibilidade de emissão de dívida partilhada, contudo, ainda ontem no final da reunião do Eurogrupo, Centeno admitiu que estavam preparados para "fazer tudo e mais" para fazer face à crise. O "mais" aqui pode conter a novidade que seria pela primeira vez a UE emitir dívida conjunta.

Ainda esta terça-feira foi [conhecido um manifesto](#) de economistas portugueses que defendem um programa de emergência de larga escala na União Europeia, que requer um financiamento de emergência também de grande escala. "O Banco Central Europeu tem de ser autorizado a financiar tal programa", defendem estes economistas da Nova SBE, Universidade do Minho, Universidade de Coimbra e ISEG.